REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semest. — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

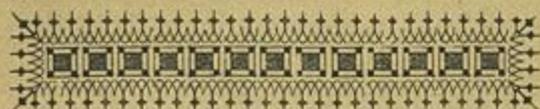
21.º Anno — XXI Volume — N.º 713

20 DE OUTUBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39.

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Dias lindos com que, á chegada dos chrysanthemos, o verão se despediu, e com que o sol portuguez quiz honrar a visita dos congressistas estrangeiros, disseram-nos decididamente adeus por muito tempo. Grossas nuvens ennoveladas vieram do sul estender um compacto, humido tapete sobre a grande planicie, ainda ha dias toda azul.

As tardes esplendidas do amoroso outomno deveriam deixar suavissimas lembranças aos habitantes dos paizes do norte, que o céo de Portugul, de acordo com os portuguezes, recebeu fidalgamente.

Foram festas successivas em que só houve saudações de affecto, brilhando nos vidros facetados os topasios riquissimos dos melhores vinhos das nossas cepas.

O passeio ao Porto não foi senão o numero final d'essas constantes ovações, que os nossos hospitaleiros provincianos por toda a parte fizeram aos membros estrangeiros do congresso e estes aos habitantes d'um paiz, que muitos d'elles só mal conheciam por um *ouvi dizer* da nossa historia gloriosa.

Viram elles o que tinhamos de melhor, o que de melhor lhes podiamos offerecer n'esta quadra do anno tristonha sempre nas principaes cidades.

Mas para que nada lhes faltasse, que lhes pudesse mais tarde aureolar as memorias dos tempos que entre nós se demoraram, um dos nossos maiores artistas, nosso orgulho e honra nossa, veio ajudar, como em conto de fadas, a transformar lembranças saudosas em sorridentes, inacreditaveis recordações d'um sonho bom.

Bem haja Raphael Bordallo.

Devem esses estrangeiros ter levado de Portugal a opinião d'um alto grão de adeantamento das artes entre nós.

A jarra Beethoven, que tão arriscadamente fez viajem desde a fabrica das Caldas da Rainha, até ao *foyer* do theatro D. Amelia, poude felizmente ser admirada pela maior parte dos congressistas.

Não puderam elles fazer idéa da obra de Raphael, inconfundivel, onde sempre a assignatura apparece d'uns dedos que parecem de fada; mas, ao menos viram o melhor capitulo d'essa obra.

Quando Bordallo Pinheiro, visivelmente e com razão commovido, agradecia a ovação enthusiastica e espontanea que lhe fazia tanta gente apinhada em volta do preciosissimo objecto d'arte, Jules Claretie, o grande escriptor francez, apertava-lhe a mão, elogiando-lhe calorosamente o trabalho.

É que raras coisas tão formosas nos tem dado aos olhos para seu encanto a arte portugueza.

Quando a gente pensa que um tal trabalho e de tal ordem foi devido ao esforço d'um homem quasi só, que bella lição para meditar nos offerece, quando, ao mesmo tempo nos maravilha!

O que era a ceramica portugueza com seus modelos primitivos e primitivos processos, todos o sabemos ainda. Como, por esse mesmo caminho, que parecia ir dar a um becco sem sahida, jornadeou o glorioso artista e tão rapido foi encontrar regiões de tanta luz?

Mas a obra de Raphael continua sendo encantadoramente portugueza, e n'isso está um dos seus maiores elogios, porque portugueza essencialmente foi a sua origem.

A jarra Beethoven de que muito especialmente desejariamos falar, é obra d'uma imaginação irrequieta, desabroxada ao sol, ebria de luz e de perfumes trepadores, que sonha e logo executa, com a vivacidade, o enthusiasmo, o fogo, com que um meridional sente logo, logo que percebeu, ás vezes, ainda antes de haver percebido, por uma intuição misteriosa que faz adivinhar.

S. M. A RAINHA LUIZA DA DINAMARCA — FALLECIDA EM 29 DE SETEMBRO DE 1898

Os motivos decorativos da obra prima, apotheose de Beethoven que mereceu a Bordallo uma apotheose, foram todos concebidos parece que n'um só momento de inspiração e accumulados por mão de mestre em torno do bojo da jarra, pela base, pelos rebordos O grupo dos concertantes e o dos ouvintes que do outro lado lhe faz symetria são deliciosos; são trabalhos de maravilhosa esculptura muitas das figuras allegoricas, e o medalhão do maestro genial tem toques primorosos do pincel do artista portuguez.

A jarra toda ella parece cantar-nos um hymno tão inspirado como aquelles que a inspiraram. O genio canta o genio. O sul comprehendeu o norte. O sol canta maravilhado as grandes flores desabrochadas entre as brumas compactas do paiz das neves.

No theatro D. Amelia, cujo foyer a liberal gentileza de seus proprietarios pôz á disposição de Raphael Bordallo, realisar-se-ha brevemente uma recita em homenagem ao querido artista portuguez, na qual todos os seus admiradores enthusiastas e amigos dedicados, que são quantos o conhecem, poderão manifestar-lhe em palmas e bravos a devotada gratidão ao que tão alto elevou na arte o nome portuguez.

Será, além de tudo, uma festa patriotica.

Não a desejamos maior do que essa, que ainda ha poucos dias ali se realisou, ovação a outros artistas tambem muito nossos, tambem muito dignos do muito amor, que todos os que enchiam a sala desde a primeira fila de cadeiras á ultima bancada das galerias lhes manifestaram calorosamente.

Era n'aquelle theatro a primeira recita dos antigos emprezarios do theatro de D. Maria. Representava-se o *Fritz*.

Apenas Augusto Rosa entrou em scena, todo o publico se levantou fazendo-lhe unanime uma ovação estrondosa, acclamando-o a elle, e, interrompendo o acto, chamando ao palco os antigos collegas, que com elle tanta vez aquella mesma peça interpretaram no theatro de D. Maria.

Apesar de não tomarem parte na interpretação do drama foram tambem n'essa occasião chamados Taborda e João Rosa. Foi justissima e commovente para elles a ovação que lhes fizeram, a Taborda pelo auxilio que prestou áquella homenagem a antigos companheiros, a João, porque elle tambem precisava que o compensassem por alguma forma — e qual haveria melhor? — d'um intimo desgosto.

A representação da bella peça de Erckmann-Chatrian assim decorreu sempre entre palmas e bravos.

O *Fritz* é das comedias que mais bello conjuncto obtiveram no theatro de D. Maria, onde contou dezenas e dezenas de representações, apesar do frio acolhimento que lhe fez o publico quando da primeira representação. Mas era uma obra prima e fôra estudada com carinho.

Augusto Rosa, o protagonista, representa na perfeição aquelle typo, de solteirão de quarenta annos, epicurista, á ultima hora apaixonado pela Suzel.

Brazão faz o velho rabbino, bom homem, casamenteiro da breca. Foi sempre dos seus melhores papeis. Motivos houve para que no theatro de D. Amelia se esmerasse e poucas vezes vimos em theatro portuguez papel tão superiormente desempenhado, como o do rabbino n'essa noite.

Rosa Damasceno fez a Suzel e o que ella fez só poderia descrever se em verso, n'um madrigal cheio de frescura como a madrugada d'aquelle dia em que a filha do rendeiro se apaixonou pelo amo. Um verdadeiro primor. Que delicioso encanto n'aquellas paginas da Biblia que ella repete junto á fonte!

No final da peça a ovação foi a todos; toda a companhia teve de vir ao palco. Os velhos, os novos, todos o publico acclamou com o maior dos enthusiasmos.

Noite de festa foi essa inolvidavel.

Depois Taborda e Rosa Damasceno appareceram-nos n'uma comedia muito antiga, o *Ditoso Fado*. E a ovação continuou sempre com o mesmo calor, a mesma intensidade.

Dezenas de vezes o panno teve que levantar-se, e a ovação não cessava, todos compartilhando-a, ora juntos, ora um por um, chamados á bocca de scena.

O facto tem a sua moralidade, que talvez já se encontre na Sabedoria das Nações.

Foi até agora o facto de maior sensação nos theatros de Lisboa. Não devemos porem deixar de falar da abertura do theatro da Avenida, cuja direcção litteraria foi assumida por um distincto homem de letras, nosso amigo, Dr. Luiz Gonsalves de Freitas. *A Viagem á China* agradou extraordinariamente, sendo applaudidissima. Plantier e os irmãos Rentini, possuem vozes como poucas se teem ouvido nos nossos theatros de opera comica Plantier possue além d'isso um talento notavel de actor.

Abriu tambem as portas o Colyseu dos Recreios, onde se estreiou uma companhia, que nos dizem de primeira ordem.

Eis-nos em pleno inverno. Lisboa anima-se. Dentro de poucos dias as praias estarão desertas, os hoteis fecharão as portas, os chalets emmudecerão sob os pinheiros gotejantes, as bolas das roletas descançarão nos pratos e o mar sósinho roncará suas coleras, que ninguem ha de ouvir.

A grande toirada em Cascaes, que deveria ser dirigida pelo Visconde de Asseca, foi contranunciada, e o distincto fidalgo não ouvirá portanto outra vez o homem do sol gritar-lhe enthusiasmado: — Bravo *seu* Botas de polimento!

Mas a chuva era precisa Tudo vai bem. Até os cambios que vão subindo.

Uma só tristeza n'este primeiro mez de inverno. Foi-se de muitas casas a alegria, acabaram-se as ferias tão queridas dos filhos como dos paes. Elles caminham para homens, que nós vamos indo para velhos. Elles teem que fugir do conchego das familias e ellas ficam sem o conhego d'elles.

Estudos! E havemos de ser velhos e havemos de estudar.

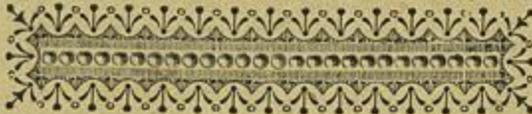
Emquanto uns escrevem para as crianças amorosamente, procurando-lhes pela imaginação educar-lhes o espirito, outros dão aos homens os fructos de seus trabalhos meditados.

E na mesa d'esta redacção assim encontrei dois livros bem diversos, os *Contos para as crianças* da Sr.ª D. Maria de Castro Osorio e a *Pintura simples* do meu amigo e collega Francisco Liberato Telles.

Para as crianças historias simples escriptas com amor e ternura de quem bem as conhece; para os homens um bello livro, esplendidamente impresso, contendo factos historicos notaveis, muitos referentes a coisas d'arte portugueza geralmente ignoradas, e um tratado perfeito e luxuoso da pintura decorativa.

Estudemos, que parar é morrer, já alguem o disse e é uma grande verdade.

Sic itur ad astra, estudando. Assim um nome se torna conhecido em todas as partes do mundo, ainda que estes sejam como certa senhora as tinha em bustos na sala, a Europa, a Grecia, a Persia e Neptuno.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

A RAINHA LUIZA DA DINAMARCA

Por telegramma de Copenhague, em 29 de setembro findo, foi noticiada ao mundo inteiro a morte da rainha da Dinamarca, a veneranda esposa do rei Christiano, que a desposara quando ainda era principe, pois que occupa o throno desde o anno de 1863.

Casados durante 56 longos annos, tiveram os dois consortes dias de suprema ventura no remanso da sua vida intima, como paes de familia, e de tristeza e inquietações como soberanos.

Pouco depois da sua subida ao throno, soffreu como se sabe a Dinamarca terriveis violencias, perdendo Sleswig, Holstein e Lanemburgo, com a guerra que os envolveu. Mas de todos os revezes triumphou o patriotismo e integridade de caracter de S. M. Christiano IX.

Bem numerosa é a prole que proveiu da extincta soberana, sendo decerto a maior familia real que se conhece. O seu filho primogenito é o principe herdeiro da corôa, Christiano Frederico Guilherme Carlos, que nasceu a 3 de junho de 1843 e casou em 1869 com a princeza Luiza Josephina Eugenia, da Suecia e Noruega, de quem já possue bastantes filhos.

O filho segundo é a princeza Alexandra Carolina Maria, que nasceu em 1 de dezembro de 1844 e é esposa do principe de Galles Alberto Eduardo, herdeiro do throno de Inglaterra e que egualmente tem muitos filhos.

O terceiro filho é Christiano Guilherme Fernando, que nasceu em 24 de dezembro de 1845 e foi eleito rei da Grecia, com o nome de Jorge I, em 6 de junho de 1863 e casou com a grã-duqueza da Russia Olga Constantinowna, em 27 de outubro de 1867.

O quarto filho é a princeza Maria Sophia Dagmar, que nasceu em 26 de novembro de 1847 e desposou Alexandre III da Russia, a 27 de outubro de 1867.

O quinto filho é a princeza Tira Amelia Carolina, que nasceu em 1853 e casou com o duque de Cumberland e de Brunswick Ernesto Augusto Guilherme.

O sexto filho, finalmente, é o principe Waldemar, que nasceu em 1858 e casou com a princeza Maria Amelia Francisca Helena de Orleans, filha do duque de Chartres, em 22 de outubro de 1885.

Bem se póde, pois, comprehender quantas côrtes da Europa se viram enlutadas por tão triste passamento. A côrte portugueza tambem tomou lucto por alguns dias e S. M. El-rei D. Carlos fez-se representar nos funeraes em Copenhague, pelo nosso ministro em Berlim, sr. visconde de Pindella, que para alli partiu em 16 do corrente.

Aos laços de sangue juntou se a consideração, de que tão brilhantes provas já haviam recebido os dois esposos, por occasião das suas bodas de ouro, em 1892. A morte da edosa soberana tem sido bastante pranteada, e nos ultimos momentos e durante a velação do seu cadaver acharam-se ali na primeira noite a princeza de Galles e o rei da Grecia, e na noite seguinte outros membros da illustre e numerosa familia.

Rainha e mãe, a finada soberana cingiu duas corôas, tendo a alegria de ver cada anno engastar-se uma nova perola, um novo netinho que nascia, nos florões d'esse diadema nobilissimo que a natureza concedeu á mulher, seja ella rainha ou pastora, — a maternidade.

A rainha Luiza Guilhermina Frederica pertencia á casa de Hesse-Cassel e falleceu na avançada edade de 81 annos, pois que vira a luz do dia em 17 de setembro de 1817.

A sua doença não foi longa, talvez uns dois mezes. Não causou surpreza o seu passamento, mas deixou muitos corações enlutados que a extremeciam.

Gozará, pois, a memoria da finada soberana o tributo piedoso e sincero da dôr de seus filhos; e seu esposo o edoso monarcha, tem a consolação de receber innumeras provas de condolencia e do geral sentimento pela perda que soffreu, todas devidas ao subido apreço pela esposa que o acompanhou durante 56 annos.

Uma janella em Villa-Real de Traz-os-Montes

Ha dois annos, demorando eu em Villa-Real, a camara municipal do concelho, acordou com o proprietario da «Casa do Arco,» na demolição d'este antigo paço senhorial, já muito deteriorado, para a abertura d'uma rua. Pedi então ao meu amigo, photographo amador, Lopes Martins, o favor de photographar a janella principal da casa Esta photographia foi depois, já em Lisboa, reproduzida em desenho á penna, ampliado do original, por outro meu amigo, o tenente Diogo, da companhia d'alumnos da escola do exercito, que n'este genero de desenhos, hoje raro, tão boas provas deixou no «Branco e Negro».

O palacete em que abre esta formosa janella, éra o solar dos marquezes de Villa-Real, dos quaes o ultimo foi justiçado em 1641, julgado réo na conspiração contra a vida de D. João IV. A casa passou então ao Infantado. Derradeiramente estava incluida na propriedade da familia Malafaia.

O velho solar era (não sei se já foi arrasado) uma das curiosidades historicas da antiga villa; a que D. Diniz deu honras de real. Erguia-se a um dos lados da Praça principal, mais conhecida ainda hoje pelo seu antigo nome de *Taboladu*, e fronteiro ao convento de S. Francisco. Era solidamente construido de cubos graniticos, que pela vetustez, e pelo dentado em ameias na linha superior, lhe davam um aspecto afortalezado. «Forte e feio.» As janellas eram geminadas, cortadas ao meio por um columnello fino e airoso. As reconstrucções porem estragaram em muito, o tipo primitivo.

A janella grande (a da nossa estampa), de maiores dimensões, e mais trabalhada do que as outras, deve ser da traça primitiva, e correspondendo ao salão nobre No alto lá está o brazão d'armas dos marquezes, que fôra picado em virtude da sentença por tentativa de regicidio. Como se vê, a linha decorativa é toda e simplesmente espiral. Supomos ser trabalho do sec. de quinhentos. Ultimamente e como se conhece da estampa, não tinha a fechal-a nem a rotula antiga nem a vidraça moderna.

*
* *

A actual familia que possue o titulo nobiliarchico de Villa Real, nada tem, como é sabido, com aquell'outra. O solar d'esta é em Matheus, suburbios da villa.

Henrique das Neves.

VASCO DA GAMA EM ANGEDIVA

(Capitulo d'um livro inedito)

Angediva ou *Anchediva* vem do malayalim *anjudivu*, quer dizer, cinco ilhas, havendo quem faça derivar este nome de *Azadinty*, divindade tutelar hindú da região, que actualmente se venera no territorio visinho de Ankola. A pequena ilha d'este nome que pertence ainda ao dominio portuguez e faz parte do districto de Gôa, está situada na latitude N. 14.º 45' e 74º 10' longitude L. Greenwich, tendo de superficie 1, 5 kilometro quadrado e distando perto de 70 kilometros de Nova Goa. Não se póde separar o nome de Vasco da Gama d'essa inhospita, pauperrima e esquecida ilha, porquanto apparece descripta com interessantes factos nos roteiros das duas primeiras viagens do immortal capitão. Escriptores ha que a mencionam sómente por ser a primeira praia da costa do Malabar, onde desembarcou o primeiro viso-rei da India, D. Francisco de Almeida (13 de setembro de 1505), levantando em seguida uma fortaleza, sem notar que o fez em virtude do regimento de el-rei D. Manuel a quem Vasco da Gama e o judeu, seu afilhado, de que adeante fallaremos, haviam informado as vantagens de ali se crear um estabelecimento portuguez [1].

Lê-se no *Roteiro* da primeira viagem entre os factos do regresso: «fomos a pousar (23 de setembro de 1498)... em huma ilha em a quall nos disseram que avia agoa. Mandou logo o capitam moor a Nicolao Coelho em hum batell armado a ver onde estava *a* aguada, o qual achou em *a* dita ilha hum edificio de huma igreja de grande quantaria, a quall estava derrubada dos mouros, segundo os da terra diziam, senam quanto a capella estava cuberta de palha, e elles faziam oraçam a tres pedras negras, as quaes estavam em méo do corpo da capella, e mais achámos, além d'esta igreja *um tanque* de quantaria, iso mesmo lavrado, em o quall tomámos quanta agoa quisemos, e em cima de toda a ilha estava um grande tanque d'altura de quatro braças, e mais achámos defronte d'esta igreja huma praya em a quall espalmámos o navio Berrio, e o navio do capitam moor: o Rafaell nom foy a monte por respeito dos inconvenyentes abaixo escriptos» [2]

Gaspar Corrêa, dando noticia da armada ter tocado a ilha de Angediva e do tanque de pedra preta com muito boa agoa, acrescenta dois factos muito interessantes. Diz: «Estando as naos assi nesta Ilha, em que nom havia gente; sómente um homem pedinte, a que elles chamauão Jogue [3], o quall nesta Ilha viuia debaxo de huma lapa de pedra, que comia do que lhe dauão as naos que per hi passavão; que era sómente arroz e heruas sequas» [4].

E mais adiante: «Estando assi as naos em Angediua, correu a noua pola terra e foi ter a Goa, que era dahi doze leguas, de que era Rey hum mouro chamado Sabayo, que era senhor de muitas terras e gentes, e por esta cidade ser o principal porto de mar, com grande rio que fazia ilha em que estaua situada, em que hauia grande trato, trazia no mar armada de fustas, com que fazia entrar em seu porto as naos que passauão, pera lhe pagarem seus direitos. O qual Sabayo, ouvindo que nossas naos ahi estauão em Angediua, que tambem lho contauão as naos e zambucos, que passauão, por Angediua, e que não faziam os nossos mal a ninguem, desejando saber das naos, chamou um judeu granadi, que era seu Capitam moor do mar, e falou com elle sobre as nossas naos. Este judeu na tomada de Grada, sendo homem mancebo desterrado, correndo muitas terras foi ter á Turquia e veo a Meca, donde passou á India, e assentou viuenda com este Sabayo, o qual polo achar valente homem de guerra do mar o fez seu Capitam moor de sua armada, e falando com elle sobre as naos, o judeu se convidou que elle as hiria ver, e se pudesse haueria fala dellas, que lhe nom podião fazer mal, que hiria n'uma fusta ligeira de vela e remo, e podia ser que acharia as naos em tal disposição que as trouxesse a Goa, porque já lhe tinhão dito que estas naos andauão em Calecut na costa do Malavar: e se fez preste em uma fustinha esquipada, e leuou oito fustas grandes armadas, com gente para pelejar com as naos se comprisse. Elle era homem velho todo branco, grande homem de corpo e de grande barba: o qual veo com suas fustas e chegou de noite porque nom fosse visto das naos, e metteo as fustas antre ilheos que estauão na bocca do rio de Cintacorá, que desuisado das naos mea legoa, onde bem podião estar que nom fossem vistas das naos. E como foy noite escura, elle se metteo em huma almadia esquipada, e caladamente se foy ás naos, e vio de longe, e conheceo que eram naos de Espanha, com o que se tornou ás fustas. E como foi menhã se metteo em huma fustinha bem esquipada, que muyto corria á vela e remo, e se foy ás naos com determinação de com alguns modos dissimulados entrar dentro, e ver que gente tinhão, e se achasse boa disposição, os tomar per alguma manha, e quando nom então veria se as podia queimar e hauer dellas alguma presa, ou tornaria a Goa trazer armada com que as tomasse; e confiando em sua fustinha que os bateis nom poderião alcançar ainda que fossem após elle, e com esta fantasia se foy ás naos.

«Quando este judeu chegou aos ilheos com as fustas, foy visto dos pescadores que hião para o mar, e virão que as fustas se esconderam antre os ilheos, e conhecerão que erão de Goa que andavão a roubar polo mar, e lhe pareceo que vinhão fazer mal ás naos. Elles como erão já muyto amigos com os nossos, que lhe fazião boa companhia, e esperando que por isso os nossos lhe darião alguma dadiva, com muyta pressa forão ás naos, e lhe derão aviso de todo o que entendião, que as fustas nom estavão ali senão pera fazer algum mal. Aos quaes o Capitão mór deu boa paga com o que se forão muy contentes. Então os Capitães aperceberão artilharia e ordenárão todo o que cumpria, e vigiarão bem toda a noite, mas nom virão a almadia em que o judeo veo ver as naos. E amanhecendo veo o judeo em sua fustinha, fazendo modo que passava pera outra parte, e vendo as naos que arribavão, e sendo perto tomou a vela e remo e chegou ás naos que estauão juntas huma perto da outra; e sendo perto por pôpa, que o podião ouvir, saluou as naos com fala castelhana dizendo: «Dios salue las naues y los señores capitanes Christianos, y la campaña que nellas viene.» E os remeiros derão grita, ao que das naos responderão com as trombetas, e em toda a gente houve grande alvoroço de prazer, ouvindo a fala castelhana e chegando mais perto disse o judeo: «Señores capitanes, dadme seguro, e entraré em vuestras naues por saber nueuas de mi tierra, e tambien de mi sabereis las que vos pluguiere, pues Dios aqui os ha traido, que sed vuestro bien y mio, que ao cabo de quarenta años que soy captiuo, y agora Dios me mostró naues d'España, que es mi tierra. Y por tanto sea la vuestra merced darme el seguro que pido que sin ello nñ ousaré entrar.» Da nao lhe responderão que seguramente podia entrar com paz, que lhe farião toda a honra, porque muyto folgauão de o ouvir falar, porque nas naos nom hauia quem fizesse mal a ninguem. Nas quaes palauras o judeo confiando chegou, e entron, e o receberão com gasalhado, e o fizerão, fazendo-lhe perguntas de que terra era, e como assi andaua tão longe de sua natureza, e outras muitas cousas a que o judeo respondia aos Capitães, que mostrauão que muyto folgauão de o ouvir. Os remeiros de fustinha tambem entraram muytos dentro, que estavão espantados do que vião, e muy seguros vendo seu capitão assi estar assentado praticando com tanto prazer. O Capitão mór disse que chamassem Nicoláo Coelho, e viesse ver o nouo que os viera ver. Nicoláo Coelho veo da nao no batel com alguns homens, e chegando á nao, o Capitão mór mandou que viesse da banda da fusta, e chegando que entrando pola fusta, o Capitão mór se aleuantou, e mandou logo atar o judeo por homens que pera isso estauão prestes, o que vendo os marinheiros da fusta se lançarão ao mar, ao que acodio o batel, que os andou tomando todos, que nenhum escapou. O judeo, vendose assi atado, disse: Á Señores nobres Christianos, valgame Dios, y vuestras mercedes, que confiando em vuestras palavras estoy atado de pes e manos. «O Capitão lhe respondeu: Judeo, com treição pediste seguro, e por isso nom vos valerá.» Então lhe deitarão um grosso macho nos pés, e todos os remeiros metteram na bomba debaxo da coberta. Então o Capitão mór mandou despir o judeo, e dous grometes com cordas que lhe dessem muytos açoites, dizendo elle ao judeo, que elle bem sabia a treição com que vinha com as fustas que estauão escondidas nos ilheos; que por tanto elle juraua por vida d'El Rey de Portugal seu Senhor, que com açoites e pingos o hauia de matar até que por sua bocca confessasse a verdade. O judeo, vendo-se em tal extremo, e que já lhe falaua nas fustas que estauão nos ilheos, disse: Señor Capitão, confesso, que soy dino de muerte, mas aued de mi piedade, y destas barbas blancas, que toda la verdade vos diré» Então o mandou desatar e vestir, o qual contou tudo o que atrás já disse. Então o Capitão mór lhe fez grandes juras, que se lhe nom daua ás mãos as fustas que estauam nos ilheos que viuo o hauia de mandar esfolar. O judeo disse: «Senhor mandaime, e se eu nom fizér em vossas mãos estou.» Então os bateis foram bem esquipados com seus berços, com muytas panellas de poluora concertadas, e em cada batel vinte homens com as melhores armas que havia, e a fustinha em que hia o capitão mór, leuando o judeo assi nos ferros e as mãos atadas detrás, e os pilotos e mestres nos bateis.

E como anoiteceo que fazia escuro, antemenha que se punha a lua, Vasco da Gama disse ao judeo que chegando as fustas falasse aos seus em modos que elles se nom alvoroçassem, nem se apercebessem a pelejar porque logo elle primeiro havia de ser morto. O judeo disse: «Senhor, trabalharey por saluarme da morte» E foram ter com as fustas antemenhã, que todos dormião muy descançados: a fusta hia mais diante e os bateis um pouco atrás e largos da fustinha; o que sentindo os das fustas que vigiauão, perguntarão quem vem ao que o judeo respondeu por sua fala: «Eu sou, que trago comigo meus parentes.» Com que entrou por antre as fustas, e os bateis cada hum per fóra das fustas qne leuauão os murrões escondidos. E chegando o Capitão mór deu brado que ouviram, dizendo Sanctiago! San Jorge! ao que os bateis derão grita, desparando os berços, entrando os nossos com as panellas acesas, que deitarão sobre os remeiros que todos dormião, com que todos logo se deitarão ao mar. E porque a gente de peleja era pouca, e desatinados com o sobresalto do sono, nom houve nenhum que pelejasse, nem se defendesse, porque com o fogo das panellas parecia que todas as fustas ardião.

E porque todas as fustas estauão juntas, os nossos as foram correndo todas até nom ficar nellas nenhum negro, que todos andauão a nado polo mar, que se acolhião aos ilheos, no que amanheceo. Mas o Capitão mór e os seus, na fusta e nos bateis, andarão polo mar matando a todas, e forão matar quantos estauam nos ilheos, que a nenhum derão vida. Então tomarão as fustas á tôa atadas aos bateis e fusta, com que se tornarão ás naos com grandes prazeres, a que lhe responderão das naos com gritos e trombetas. Nas fustas acharão arroz e cocos, e pescado secco, que era seu mantimento. Tinhão bombardinhas de ferro roqueiras, que deitarão ao mar, e as armas zagunchos espadas compridas, e adargas grandes de tauoas cobertas de couro enuermisadas e muy leues, e arcos grandes com arcos Ingreses, com suas frechas de cana, e ferros largos e compridos. E tomarão das fustas o que houveram mister, e desfizerão algumas pera lenha. Ao que acodiram as almadias que hião a pescar, e lhe disserão os Capitães que as tomassem e leuassem, mas elles nom as quizeram leuar, mas cada um leuaua o que queria, e partião as velas em pedaços, e leuauão pera suas almadias. Então dos remeiros que estauão na bomba escolherão os mais bem dispostos pera o serviço da bomba, doze pera cada nao, e os outros matarão presente os pescadores, porque sabião a treição com que vinhão. O judeo estaua muy espantado esperando que acabando todos elle fosse per derradeiro com móres justiças, mas o Capitão mór o mandou metter debaxo da cuberta, e porque já tinhão feito agoada, e era tempo de monção, que os pilotos disserão que partissem, se fizerão á vela [1].»

No roteiro da segunda viagem de Vasco da Gama, apparece a ilha de Angediva com o nome de *Anidibe*. Ali tomaram agua e lenha, ali desembarcaram os doentes da expedição, uns trezentos; ali finalmente, mataram um lagarto de cinco pés de comprimento [2].

A existencia d'uma igreja profanada e em ruinas de que falla o roteiro da primeira viagem,

---

[1] *Lendas*, I pg 561.
[2] *Roteiro* edição de 1861, pg 94-95.
[3] Asceta indú que de ordinario vive de esmolas, e algumas vezes incantador e feiticeiro. A sabedoria indiana resumiu o caracter dos jogues no seguinte provertio — *apnegano kâ jogi ânigaov kâ Sith*, quer dizer, o homem que é jogue na sua propria aldêa, é santo n'outra. Dos jogues da India fallam, além de Gasper Corrêa, os chronistas e escriptores portuguezes Duarte Barbosa, João de Barros e Garcia da Orta.
[4] *Lendas* I pg. 122.

[1] *Lendas*, cit. t. pag 125 a 129.
[2] *Roteiro* publicado no *Boletim da S. G. C. do Porto*, n.º 3, 1.ª serie, 1881.

desperta naturalmente a attenção dos estudiosos; mas seria a fonte da informação segura? Se houve igreja que, segundo o testemunho do chronista da viagem de Pedro Alvares Cabral, em 1500, devia ser a mesma ermida onde os missionarios, seus companheiros, celebraram missas e baptisaram 22 gentios, durante os dias em que a armada esteve no porto de Angediva, derrubada em algumas das invasões do gentio; mas quem a construiu e quando? Os neophytos do apostolo S. Thomé, cujo martyrio a Egreja celebra em 21 de dezembro? os de S. Bartholomeu, de S. Pantemio, de S. Frumentino que, se diz, prégaram o evangelho na India, respectivamente no primeiro, segundo e quarto seculos? Qualquer investigação n'este ponto prende com o estabelecimento das primeiras christandades da India, a respeito do qual, se ha autorisados escriptores, quasi todos seguindo-se e copiando-se servilmente, que o confirmam, outros têm apparecido modernamente, que, guiados pelas luzes de avisada critica historica, deixam fundadas duvidas sobre os apostolos e iniciadores da evangelisação. Não se adequa aos limites do presente trabalho o estudo de tão melindroso assumpto que merece tratar-se com desenvolvimento; observamos, comtudo, em vista dos ultimos escriptos que temos á vista, que do apostolado de S. Bartholomeu, S. Pantemio e S. Frumentino não restou, na opinião d'um escriptor orthodoxo, nenhuma tradição local [1] e, quanto ao de S. Thomé, em quanto o reverendo missionario Kennet tratou, n'uma erudita memoria, esse apostolado como um facto historico irrecusavel e authentico o reverendo professor Rae, (protestante) autoridade não menos respeitavel, demonstrou em outra não menos importante memoria, que não ha sombra sequer de evidencia para provar que os pés do discipulo do *vêr e crêr* tivessem algum dia pisado o sólo da peninsula indiana [1]. Deixemos aos antiquarios, que espontaneamente se fascinam com semelhantes questões, resolver estas antinomias, sendo certo que em averiguação e critica dos successos, não ha nunca autoridades supremas e infalliveis. Com muita justeza dizia um escriptor que, com os documentos descobertos no seculo XIX se podia reconstituir, reformar e renovar a historia de muitos acontecimentos, dando-lhes um aspecto bem differente d'aquelle porque ainda são considerados.

A referencia de Gaspar Corrêa ao misero jogue de que falla, concorda com a do celebre viajante do seculo XIV, Abu Abdullah Muhammad, conhecido geralmente pelo nome de Ibn Batuta. Durante a sua longa odysséa de 37 annos, esteve em Goa (então Syndhabur, parte do territorio do rajá Jalansi) e na ilha de Angediva onde viu um jogue arrastando-se n'um *budkhanā* ou templo gentilico [2]. Certamente esse penitente não era o mesmo que viram os expedicionarios portuguezes, porque ha entre ambos um intervallo de mais de 150 annos (1343 a 1498). Parece que o isolamento da ilha fazia com que esta fosse escolhida para seu recesso pelos *jogues* que, como está averiguado, foram os percursores das modernas e apregoadas theorias da thesophia e do esotherismo budhico.

O judeu que tão caro pagou a sua ousadia, era natural de Posna na Polonia, foi baptisado em Lisboa com os outros captivos de Angediva, e tomou o nome de Gaspar da Gama, por ter sido apadrinhado por Vasco da Gama. El Rei D. Manuel serviu-se d'elle em muitos negocios da India, para onde veiu por vezes como interprete, por saber muitas linguas, e fêl-o cavalleiro de sua casa dando-lhe tenças, ordenados e officios de que se manteve toda a sua vida abastadamente. Acompanhou a Vasco da Gama na segunda viagem, em, 1500 a Pedro Alvares Cabral, e em 1505 a D. Francisco de Almeida mudando então o appellido Gama em Almeida por *amor do viso-rei*. Devia ter dado a El-rei D. Manuel noticias minuciosas da afamada cidade de Goa, acrescentando, segundo as tradições hindús, então bem vivas, que a côrte do Sabayo era a dilecta e formosa porção do Parasurama Kshetra, — designada em épocas mythicas por Visnú, depois que derrotou o imperador Saharsjuna e conquistou ao oceano a Surparaka, para estancia dos dez *munis* (sacerdotes) que trouxéra do Norte, — cantada nos puranas como o recesso escolhido por Siva, quando abandonou a esposa nos gélidos pincaros dos Hymalaias, e o purgatorio dos sete rishis (ascetas) por tempo de sete milhões de annos, — theatro da sanguinolenta batalha entre Krisna e Jarasandhaza, etc.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO, AUCTOR DA JARRA BEETHOVEN, *Vidè Chronica Occidental*

[1] V. o artigo *The early history os the syro—malabar church* no jornal, *The Catholic Madras*, n.º 7 de 17 de junho de 1893.

[1] *St. Thomas, The apostle of India*, by the rev. Ch. Egbert Kennet, 2.nd ed., Madras, 1892. E *The legend of S. Thomas*, by the rev. George Milne Rae, M. A., publicada no *Madras Journal of Literature and Science* 1888-89, pg. 1 a 22.

[2] Voyages d'*Ibn Batoutah...* par C. De Frémery et le Dr. B. R. Sangunelti, Paris, 1853 — 58, t. IV pag. 63. Cf. *Ibn Batoutah in Southern India*, memoria publicada por sir S. Fletcher no cit. vol. do *Madras Journal of Literature and Science*, pg. 37-59.

Não é nosso intento escrever o esboço historico e archeologico, de Angediva [1], pelo que deviamos pôr ponto aqui; mas a penna recusa-se a parar diante das recordações que lhe andam ligadas; acrescentaremos, pois, algumas noticias que nos parecem mais interessantes.

A fortaleza levantada por D. Francisco de Almeida em 1505 foi demolida poucos mezes depois. As muralhas e outras obras que ainda se vêem desmanteladas na ilha, são obra do vice-rei conde de Alvôr (1682), o qual, com justificado receio de que o temivel maratha Sambagy, de quem soffreu crueis derrotas, se apoderasse da ilha, afim de servir de ponto de reunião ás suas embarcações para assolar a costa, mandou proceder a pesadas fortificações que o vice-rei marquez de Tavora teve de reparar em 1731.

Na historia da India Portugueza apparece ainda a ilha de Angediva com menção notavel. É nos fins do seculo XVII. pouco antes das obras de fortificação realisadas pelo conde de Alvôr.

(Conclue) *J. A. Ismael Gracias.*

[1] Sobre as antiguidades da ilha de Angediva vide uma curiosa memoria do sr. J. Gerson da Cunha publicada no *Journal of the B. B. of the Royal Asiatic Society*, vol. XI, n.º XXXII, 1875.

A JARRA BEETHOVEN — Vid. *Chronica Occidental*

(Copia de uma photographia)

O MAU OLHADO DE FUAS MAIA

(Concluido do numero anterior)

«Irmão, nós devemos fazer a barba, que isto assim não pode ser,» disse um dia o frei Damião ao seu companheiro. E n'essa noite, logo que os ladrões voltaram, elles pediram-lhes navalhas.

«Quereis fazer a barba?! Essa é bôa! Pois não haveis de a fazer. Queremos que ao entrar no vosso convento, apresenteis aos freires de Alcobaça umas caras galantes á maneira dos cavalleiros foliões da Serra de Minde!»

Os frades ficaram aterrados. Que nova partida seria aquella? Mas uma bella manhã, o Unhas de Fome appareceu-lhes com um saquitel de dinheiro na mão.

«Estaes livres, irmãos. Eis o vosso resgate. Quando cerrar a noite vamos deixar-vos á porta do convento.»

Como seria possivel descrever a alegria dos frades?

«Frei Damião, muito bem vamos dormir agora!»
«E os perús assados do frei Borromeu?»
«E os leitões?»
«Ai! assim não podemos entrar no convento!»

Então o Unhas de Fome, perdido de riso, foi chamar os companheiros e tirando do bolso uma navalha poz-se a afial-a.

«Quê?! Pois ides barbear-nos?! Vós, Unhas de Fome?!» exclamaram os prisioneiros muito espantados e contentes.

«Sim, eu! Porque não? Tendes-me prestado bastantes serviços, irmãos. E' este o meu agradecimento!» respondeu elle com ar de troça.

Sentou-os em escabellos e voltando-os de costas um para o outro começou a barbeal-os ao som de grandes gargalhadas e chalaças dos ladrões.

Por fim mandou que se levantassem e olhassem um para o outro.

«Com aquelle molhinho...»
«Que é da gente morrer por elle!»
«E as bôas somnecas depois de jantar?»
«E as coisas que vamos contar!»
«Como o frei Anastacio vae rir!»
«E o frei João como vae chorar!»
«Elle chora por qualquer coisa!»
Cahiram nos braços um do outro.
«Bemdito seja Deus!»
Depois, de repente, ficaram consternados.
«E as barbas, frei Damião?»

«Credo! Abrenuncio!» exclamou o frei Balthazar.

«O que é isto, Senhor!» gritou o frei Damião.

Depois, sem se poderem conter, os dois frades esconderam a cara nas mãos e riram, riram...

O Unhas de Fome rapara-os muito bem rapados, deixando-lhes unicamente uns bigodes retorcidos e umas peras á casquilho gaiatas e atrevidas.

E ninguem póde calcular como isto era de um grotesco effeito na cara dos santos homens!

«E' um gracejo, Unhas de Fome!» disse um d'elles quando poude fallar. «Dae-me depressa uma navalha que nós assim não podemos entrar no convento.»

«Pois assim mesmo é que haveis de lá entrar!»

«Não, não! Por quem sois Unhas de Fome!»

«Não ha mais remedio; tendes de vos conformar.»

«Oh! mas isto é horroroso! Por Deus, dae-me uma navalha!»

Nada convenceu os salteadores; e quanto mais os infelizes pediam misericordia, mais elles se divertiam.

Assim que se escondeu o sol, içaram os frades para cima de duas mulas e desceram todos a encosta da serra na direcção de Alcobaça.

De madrugada chegaram á porta do convento. Os frades apeiaram-se e os bandidos acenando por troça com os chapeos desappareciam a todo o galope dos seus cavallos.

«O que havemos de fazer com estas caras?» murmurou o frei Damião.

Então o outro aconselhou que rasgassem um pedaço da borda dos habitos e que se servissem d'elle para tapar o bigode e a pera, pois de outra maneira não conseguiriam entrar.

Assim fizeram. O porteiro reparando só nos habitos e reconhecendo serem da ordem, deixou-os passar.

«Deus vos guarde, irmãos.»

Quando os dois se acharam dentro, cahiram nos braços um do outro chorando de alegria.

«Até que emfim! Até que emfim!»

Mas o porteiro vendo-lhes as caras desatou a gritar e a pedir soccorro, julgando ter deante de si dois bandoleiros disfarçados

Ao barulho que elle fez, accudiram outros frades e o Geral que principiou logo a interrogar os infelizes.

«Quem sois vós?»

«Pois não nos conheceis?! Oh! dae-nos depressa uma navalha de barba!»

«Não gracejeis. Para que haveis tomado esses habitos que tão mal vos disfarçam?»

«Ai, meu Deus! Fraca memoria é a vossa! Pois não reconheceis o frei Balthazar e o frei Damião?»

N'este ponto levantou-se grande borborinho entre os frades.

«Que dizem elles?... Que dizem elles?... Frei Damião... frei Balthazar!!...»

«Somos nós.»

«Tão magrinhos? Não póde ser!»

Então um muito alto adeantou-se para os recem-chegados, solemnemente, e disse:

«Se este fôr deveras o frei Damião, saberei reconhecel-o».

E approximando-se, começou com toda a seriedade a fazer-lhe cocegas na ponta do nariz.

«Atchim! Atchim! Atchim!» espirrou o frei Damião.

«Irmão! Irmão!... Vinde aos meus braços!» exclamou o frade com alegria.

Depois, tornando-se grave, voltou-se para o superior.

«Por este signal saberia reconhecel-o entre mil. Quando lhe fazem cocegas no nariz... é o seu fraco; não resiste. Não ha que duvidar. São elles!»

Todos se convenceram e um por um, vieram abraçar os viajantes.

Depois, fizeram-lhes a barba, vestiram-n'os de lavado e sentaram-n'os á meza deante de um almoço colossal.

E os dois então contaram as suas aventuras que foram escutadas com grande espanto e interesse.

Correu tempo...

As barrigas dos dois freires tinham de novo crescido assim como a sua alegria e bom humor e quem os visse não diria decerto as aventuras e provações por que elles haviam já passado.

Ora aconteceu que durante uma noite de chuva, um homem todo coberto de lama e ensanguentado, bateu á porta do convento de Alcobaça.

Quando o viu n'aquelle estado, o porteiro, cheio de compaixão, fel-o entrar. E foi chamar alguns frades que o ajudassem a levar o desgraçado para uma cella onde o podessem tratar.

Entre esses frades vinham o frei Balthazar e o frei Damião. Assim que deram com os olhos no homem, exclamaram:

«E' elle! E' elle!»

«Elle quem?» perguntaram os outros.

«O Fuas Maia!»

«O do máu olhado...»

«Cruzes!»

Foram chamar o Geral e contaram-lhe o que se passára. Este chegou-se ao ferido e perguntou-lhe mostrando os dois freires Damião e Balthazar:

«Conheces estes homens?»

«Muito bem.»

«Sabes o mal que lhes fizeste?»

«Deitei-lhes um máu olhado... do que me arrependo humildemente.»

«De onde vens a esta hora e assim ferido? E porque bateste á portaria?»

«Venho perseguido. No caminho, como eu levava uma carregação de milho para a azenha do sobreiral, uns bandidos deitaram-se a mim na intenção de me roubarem e matar provavelmente. Consegui fugir. Mas não pude chegar a casa porque os malvados ainda me alcançaram com uma arcabuzada e eu sentia que ia perdendo o sangue e as forças. Quando avistei o convento, disse commigo: «Alli devem estar aquelles dois frades a quem eu insultei. Deixal-o! Se me quizerem matar, ao menos morro em logar santo.

N'isto ouviu-se lá fóra um grande tropel de cavallos e muita vozearia.

O homem empallideceu.

«São os bandidos! Ides entregar-me?»

Então frei Balthazar curvou-se para elle e disse-lhes sorrindo:

«Fraco juizo fazeis de nós, irmão! para pensardes que nem sequer sabemos perdoar!»

O Fuas, quebrado pelo soffrimento, sentiu uma tão grande consolação com as palavras do bom freire, que, agarrando-lhe nas mãos lh'as beijou chorando, esquecido já dos seus antigos odios.

D'ahi a um mez, por uma linda manhã inundada de sol, o Martim Abobora estava sentado nos degraus da sua casa a descascar batatas e de conversa com o mercador e com o armeiro acabados de chegar. De repente, viram apparecer na estrada o Fuas Maia no seu macho preto.

«Olha quem alli vem! Ora viva o Fuas!»

«Sim senhor, isto é que foi uma ausencia, homem!»

Abraço para aqui, abraço para acolá...

Eh! Martim! olha que eu quero almoçar!»

«Está-se tratando d'isso. Eu tambem ainda não almocei.»

Sentaram-se nos degraus.

«Sempre está um sol.»

«Um raio d'um sol!...»

«Vae bom tempo mas é para o trigo. Aquillo está espigando que é um regalo!»

«Rico anno será este para quem vive da terra.»

«Não haverá fome, se Deus quizer.»

D'ahi a uns minutos foram para a meza.»

Quando o vinho marinhou ás cabeças, o Fuas deitou-se para traz na cadeira e dando uma palmada em cima da meza exclamou:

«Por Deus! Os petiscos do Martim são famosos, mas para quem tem as guelas costumadas á cosinha dos bons frades de Alcobaça...»

Os tres deram um pulo e olharam para o homem como se elle tivesse endoidecido.

«Que dizes tu?!»

«Digo que passei agora um mez com elles e que em toda a terra de Portugal, não ha nem ha-de haver gente mais caridosa nem mais santa!»

Os outros levantaram-se.

«Homem!» disse o Martim. «Estás esquecido de que ha pouco mais de um anno atiraste tu com os teus sapatos ferrados á cabeça de dois pobres frades que ahi estavam a ceiar!»

«Não estou esquecido, não! por meus peccados! Então fui eu o homem mais bruto e mais estupido que tem entrado em tua casa, Martim!»

E ensostando os cotovelos sobre a meza, contou-lhes a historia da sna conversão.

Gi.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XXV

Em que é lida a carta do Frederico ao engenheiro Enéas

No aposento que dava entrada para o de Frederico, encontrou a Amalia a mãe e o seu amigo Rómulo. Fallavam a meia voz, e apenas viram a joven callaram-se e volveram para ella, interrogativos, os semblantes.

Approximou-se a Amalia, simulando indifferença, mas não proferiu uma palavra.

— Que te disse o papá? — perguntou Tranquillina, pegando-lhe na mão, que apertou, carinhosa, entre as suas.

— Nada, mamã; metteu-se-lhe em cabeça que eu... logo lh'o direi... Enganava-se... bem vês, eu estou contente!...

E exhibia o semblante, a um tempo melancolico e sorridente.

— E o senhor Rómulo, o que conseguiu saber? Que dizia o senhor Frederico n'aquella carta?

— Esse condemnado d'esse engenheiro não m'o quiz dizer; estive mais de meia hora a ver se o confessava, mas nada consegui.

Conforme deve suppôr, attaquei-o por todos os lados; elle, porém, nada; callado que nem um ráto. Acabei por lhe dizer, claro e franco: «Ouve, Enéas, estás em vesperas de casar com a Amália; tens, porém, a certeza de que não vaes fazer um desatino?»

— E elle, que respondeu? — perguntou, n'este ensejo, o Joaquim, que se aproximáva em bicos de pés.

— Elle? disse assim: «Oh! sim! sim!» e ora ahi está.

— E tu?...

— Eu insisti: «Tens ao menos a certeza de que gosta de ti a rapariga?»

Aproximára-se a donzella a pouco e pouco, e entrou a rufar com os dêdos nos vidros da janella, para dissimular a propria commoção.

— E elle?

— «Adoro-a, e estou seguro de que hei-de tornal-a feliz».

— «Pedaço de jumento!» exclamou o Joaquim.

E desappareceu, volvendo á cabeceira do enfermo.

— Depois, deixou-me e foi ter comsigo. — accrescentou o Rómulo; — o que lhe disse elle?

— Fez quanto poude para que eu lhe fallasse da Amalia — respondeu em tom melancolico a Tranquillina, — mas que podia eu dizer-lhe sem que desgostasse a Amalia?

— Forte cabecinha! — exclamou o Rómulo. — Ella alli está, parecia feliz, e não obstante...

— E não obstante soffre; bem sei...

Sabia-o Tranquillina! Quem sabe se ella propria n'outros tempos?...

Oh! doçuras crueis da memoria, quem poderá recordar-vos sem que ábra a bocca para exhalar um suspiro! O Romulo, e mais ninguem, porque a si proprio impozéra como lei exhalar os suspiros pelo nariz.

N'isto chegou o Enéas. Apresentava o costumado aspecto de sphynge, mas já não volvia os olhos muito espantados como que para indagar. Chegou-se aos dois interlocutores e encetou com elles uma conversasinha de todo insignificante, observando, de quando em quando, de soslaio, a Amalia.

O Romulo perdia a paciencia.

— Se me não engano, o doutor Roque perguntou por ti — disse-lhe, afinal, o Enéas.

O Romulo percebeu que o que elle queria éra ficar a sós com a Tranquillina.

Então que têmos? — perguntou, ao entrar no quarto do doutor.

— Aquillo não é engenheiro, é um espantálho de pardaes; disse lhe quanto se pode dizer, e elle sem perceber palavra; disse-lhe que a Amalia está perdidinha de todo pelo Frederico, que o Frederico não o está menos pela Amalia, que se quiz matar para a não vêr nos braços de um architecto; que ia fazer uma reverendissima asneira, casando com ella...

— E d'ahi?..

— E d'ahi; nada; impassivel e serêno: como se nada ouvira; tornei-lh'o a repetir com mais força... e nada, serêno, impassivel...

Por ultimo dignou-se declarar-me que podia vivêr socegado, pois estava, sem duvida, illudido, e que elle de todo o modo se considera capaz de fazer a felicidade de minha filha... Pois se teimar em casar com ella, dou cabo d'elle ao pé do altar... palavra de honra, e offereço-o em holocausto á misericordia divina.

O doutor Roque bufava: estava tão furioso, que nem sentia os seus achaques e queria saltar da cama abaixo; entraram, porém, a Amalia e a Tranquilina, e impediram semelhante imprudencia.

— O que foi que lhe disse o Enéas? — perguntou o Romulo.

— O Enéas fallou comtigo, onde está?

— N'este momento, com o senhor Frederico, que tinha perguntado por elle.—replicou a Tran-

quilina, e deteve com o olhar segunda interrogação nos labios do Romulo. Entrou tambem o Joaquim.

— Estâmos aqui todos — exclamou Roque.

E, se não estivera presente a filha, teria accrescentado alguma enormidade, pois éra claro e manifesto que ardia em vontade de a soltar.

—Enéas está além—disse o recemchegado, esfregando as mãos — e com o Frederico! Mandaram-me sahir!

— E ficou o senhor muito consolado com isso? — regógou o doutor Roque.

— Sim senhor.

O Frederico esperava, ancioso, por se ver a sós com o Frederico, e tentára, mais de uma vez, affastar o Joaquim e o Romulo para ficar sósinho com o Enéas; como este, porém, o não ajudasse, as suas tentativas fraquejaram. D'esta vez, ao contrario, foi o presumptivo esposo da Amalia quem rogou ao Joaquim que sahisse e sabemos já que este obedecêra, esfregando as mãos.

— Enéas! — disse com anciedade o enfermo, apenas o Joaquim voltou costas.

Aproximou-se o engenheiro; estava um tanto pallido e mais serio do que era seu costume.

— A carta? — perguntou o Frederico.

— Tenho a aqui.

— Abriste a!

— Abri.

O desditoso mancêbo, ao ouvir a resposta, encostou a cabeça sobre a almofada, e apertou a fronte entre as mãos.

— Estas soffrendo ainda? — inquiriu, bondosamente, o outro.

— Um pouco: sinto um pêso na cabeça, custa-me immenso pensar,. . quasi que nem entendo o que me dizes. — Dizias que?...

— Que sim; que a li! Não a escreveste para que eu a lêsse?

— E' verdade... mas .. foste só tu?

— Só eu. Não o disse a pessoa alguma.

— Obrigado.

E Frederico, fallando assim, de envergonhado, coráva.

— Ainda tens fébre — observou o Enéas em tom benigno, — para que tirastes o lenço molhado da testa? quéres que t'o ponha outra vez?

Pois sim.

Enéas desempenhou, com a maxima delicadeza, aquelle mister de enfermeiro.

— Tu és tambem bondoso—observou o Frederico — e mereces ser feliz.

— Não, respondeu o engenheiro.

— Quizeste morrer — proferiu depois, lentamente,—porque amavas a Amalia; a Providencia não permittiu semelhante infortunio. Julgas que a tua morte teria tornado mais feliz a Amalia, ou pelo menos, proporcionado uma alegria, um prazer, uma satisfação á mulher que amavas?

— Era menos generoso o meu intento — replicou o Frederico: — a minha morte só a mim favorecia; livráva-me dos meus pensamentos...

— E' verdade — murmurou o Enéas.

E, desdobrando a carta que tinha na mão, lêu, baixinho, em tom, porém, audivel:

«Torna-a feliz, Enéas; ama-a por mim; môrro pois não me é permittido amal-a. Mas saiba ao menos, que o seu nome será o ultimo frémito de meus labios. N'este instante suprêmo, sorri-me uma imagem; vejo que a piedade vence a repugnancia que a morte me inspira, e vejo-a a ella, chorosa, inclinar-se sobre a minha fronte e estampar sobre ella dois beijos: — a minha ultima riqueza.»

— Que loucura! — exclamou em voz alta o Frederico, e cobriu o rosto com as mãos ambas.

O Enéas como se nada ouvira, proseguiu:

«Não tenhas ciume, caro amigo: os mortos não invejam a ventura aos vivos, e espero que, em vez de causar sombra á vossa felicidade, ser-me-ha concedido ajudar-vos a ser felizes.. »

Devéras, — acrescentou o engenheiro, tornando a dobrar a carta — crês que os mortos não causam sombra á felicidade dos vivos?

— Era um egoista — murmurou o Frederico sem abrir os olhos,

— Sim, éras um egoista sem que o soubesses — repetiu com doçura o Enéas; — devias ter sustentado primeiro a lucta com o amor, e depois, com a vida; eu não sou nenhum heroe, amando porém, havia de luctar até á ultima para que fosse minha... e teria assim obtido a minha felicidade á custa da desventura do meu melhor amigo... E tu, Frederico, devias ter-me combattido, e combatido sem piedade em quanto era tempo...

Deteve-se o Enéas por momentos, como que buscando as palavras; assim que o Frederico, porém, mexeu os labios, apressou-se em acrescentar.

— Falla; dize o que pensas.

— Eu não era amado — murmurou o mancebo; — A Amalia não podia tolerar-me...

O amigo sorriu-se e ficou, por instantes, pensativo.

— Então — proseguiu — se não te restava esperança de que ella viesse a ser tua, devias ter tido sufficiente animo para que vivesses e fosses testemunha da sua ventura. Morrer pela mulher adorada, quando não seja uma phrase de rhetorica, deve sêr uma sandice pyramidal. Porcausa da mulher adorada, o que cumpre a cada um é viver... Morrendo, conseguimos apenas acrescentar mais um triste phantasma á existencia d'aquelles a quem querêmos bem; e pelo contrario, a vida, que nos pareceu, por instantes, coisa tão fatal que alegremente podêmos atiral-a fóra, poder-nos-ha, ámanhã, vir a ser util, e util tambem a outrem Os amantes desditosos — proseguiu o Enéas, em tom lévemente chocarreiro — deviam todos consagrar as vidas á sua dama perdida... e ao marido d'ella, e dizer, por exemplo: «Viverei para elles; educarei o pensamento a poder proporcionar lhes um bom conselho; abrandarei o coração para lhes suggerir um bom sentimento ou ministrar lhes uma palavra de conforto; manter-me-hei são, para que jámais venham a ter um amigo achacôso.» Seria esta uma prova de muito amor, e assim, eu que valho tão pouco, creio que teria forças para dar semelhante prova, se me encontrasse no teu caso... E tu?

— Eu tambem.

E estendeu a mão para apertar a de amigo tão leal.

— Isso que foi? — inquiriu, ao ver a destra do engenheiro envolta em ligadura?

— Não é nada — respondeu o outro; e apressou-se em lhe apertar a mão.

O pacto foi triste, mas solemne.

Não éra porém bastante para o Enéas.

— Promette-me que não tornarás outra vez... disse: — promettes?

— Prometto! — exclamou o enfermo com expressão resoluta. Há pouco ainda, quando a luz primeira de uma ideia nova me apontava de longe nas trevas da mente, causou-me espantôso sobresalto pois compreendi que essa ideia, era aquella justamente, á qual eu tentára fugir. Julguei estar morto e ter principiado a sofrer os horriveis tormentos d'álem da campa, e em vez d'elles, porém, encontrava-me com vida e pensava;... crês que me succederia coisa diversa, se realmente tivesse succumbido?

— Não — respondeu o Enéas; — se acâso o espirito sobrevive, a morte não deve apenas collocal o mais frente a frente com as proprias fraquezas, com o proprio desalento. E que agonia o ser-se espirito incorpóreo e amar perdidamente uma mulher de carne e osso?

Ria o Enéas, com riso, porém, tão estranho, que o Frederico, assustado, perguntou-lhe:

— Que tens tu?

— Eu? Nada .. Ficamos, então, em que... não ha perigo que tu voltes á mesma... E agora, falla, sei que tens que dizer-me

— Tenho a pedir-te um favor... já que ninguem viu essa carta, rasga-a.

— Farei mais — disse o Enéas — devolver-t'a-hei. — Sem se dar, porém, por entendido, simulando não ver o olhar insistente e a mão estendida do amigo, metteu a carta no bolso do colête, e accrescentou: — Prometto.

— Não te fias em mim! — exclamou o Frederico — tens razão. Partirei — sahirei de Italia; não me tornarás a ver, nunca mais.

— Espéro, ao contrario, ver-te casado e com familia.

— Não has-de ver — insistiu o Frederico; — em recompensa, promette-me que farás acreditar a toda a gente que o meu desastre não foi voluntario.

— Que nem sequer te passou pela mente a ideia de morrer como qualquer costureirita abandonada por um caixeiro? — Sim, sim, acho que é indispensavel, e prometto, O que aconteceu foi ter esse esturdio d'esse engenheiro Enéas trazido um fornilho de turba accêso, têl-o posto a um canto, e retirado, depois, fechando a porta. As janellas já estavam fechadas; tu, repimpado na poltrona, estavas distrahido a pensar nos crédores; — cedeste ao somno... e por pouco mais, ias acordar ao outro... bairro.

— Achas bem?

Sentiu-se melindrado o Frederico, por aquelle tom de mófa, e não respondeu.

— Achas bem? — insistiu o Enéas.

— Acho...

— Vou impingil-o ao doutor Roque, ao Joaquim, ao Rómulo, á senhora Tranquilina... A Amalia has-de tu dizer-lho.

— Por quê?

— Assim é preciso.

— Ella crê, por acaso?..

— Não lhe deixaste perceber nunca o teu amor?

O Frederico não podia dizer que não.

— Cumpre-te pois, a ti, desengana l'a; desvanecer suspeitas que a ninguem podem favorecer: para o conseguir, o melhor que podes fazer é elogiar-lhe o engenheiro Enéas; supponho que não te custará os olhos da cara. . Adeus, Frederico... dá cá um abraço, assim: agora, vou ter com ella e cá t'a mando.

E, rapido, sahiu, acompanhado pelo atonito olhar do Frederico.

(Continúa.) *Pin-Sél.*

Recebemos e agradecemos:

A fazenda do Paraizo — *Volume I e II — por Arthur Guimarães.* — Typ. Companhia Nacional Editora

Enviados gentilmente de Joanne — Villa Nova de Famalicão, temos presentes os dois volumes que constituem o romance *A fazenda do Paraizo*, original do sr. Arthur Guimarães. A parte material é inexcedivel em perfeição; o papel finissimo e a impressão nitidissima.

De enredo simples, abundando na forma litteraria o estylo epistolar, o presente romance entretem agradavelmente algumas horas de leitura, descrevendo a vida no Brazil e romantisando as contingencias que alli se soffrem.

O auctor tem já publicado outros trabalhos, entre os quaes se salientam: *Cambiantes*, uma serie de contos, impressões de viagens, phantasias; *O obstaculo* romance contemporaneo; *Viagens e costumes*; *Quadros de Lambary*, etc., abonando todos estes trabalhos as apreciaveis faculdades do sr. Arthur Guimarães.

Rivista politica e letteraria — *Anno secondo Vol. IV — Roma-3-Via Marco Minghetti — 1898.*

Esta importantissima revista italiana publica mensalmente um grosso tomo de cerca de 200 paginas, em quarto, acompanhado de um boletim bibliographico muito apreciavel pela sua novidade, pois que dá sempre noticia das publicações mais recentes não só da Italia como d'outros paizes. Graças, pois, á sua largueza occupa-se detidamente de assumptos de interesse geral com uma grande copia de indicações.

Nos numeros que temos presentes distinguiremos alguns trabalhos dignos de geral conhecimento pela sua magnitude: *A letteratura russa nel medio-evo, Il principe de Bismarck nella politica italiana* e muito especialmente o primeiro artigo do ultimo fasciculo *(Ottobre)* que trata das duas mais interessantes questões da actualidade: *Il disarmo, l'accordo anglo-germanico e l'Italia.*

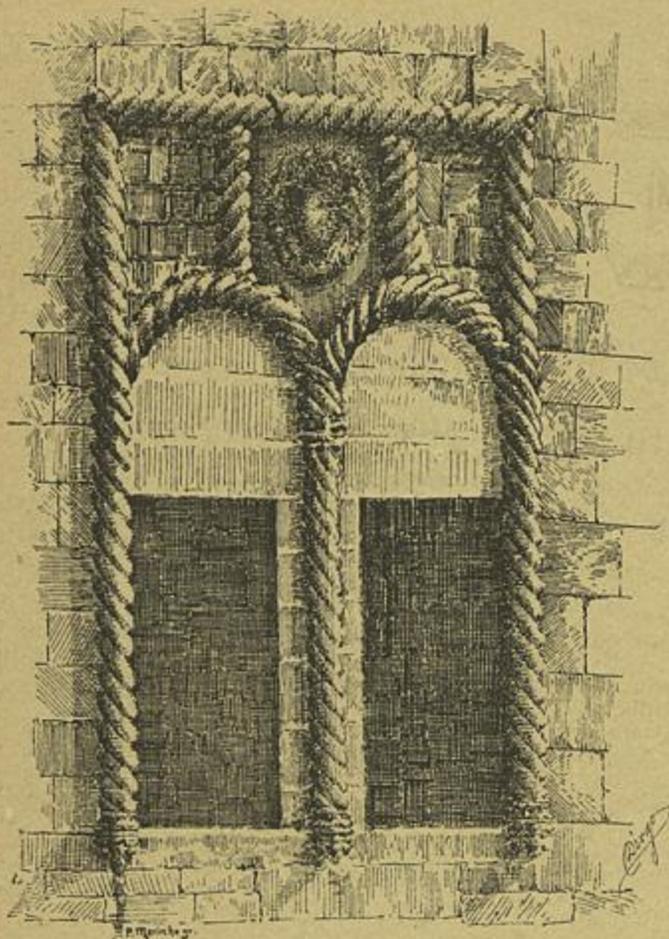
Esta importante revista que em Portugal apenas troca comnosco e com *A Revista de Educação e Ensino, Revista de Direito e Jurisprudencia* e *La Revue illustrée du Portugal*, todas de Lisboa, encontra-se tambem no gabinete de leitura do Avenida Palace, segundo indica.

Recommendamos a sua leitura pela clareza das suas apreciações e elevada orientação.

Circular *do ex.mo Ministro das obras publicas, commercio e industria — 23 de agosto de 1898.*

Recebemos esta circular, que embora não constitua, como o proprio ministro o declara, um plano já elaborado de fomento agricola, industrial e commercial, é comtudo um notavel esboço das bases em que o titular de tão importante pasta o deseja assentar, e que apresentando-as ao paiz, pede a analyse imparcial feita pelas associações a que interessam especialmente tão valiosos estudos.

Diz o sr. ministro:

«Estamos certo de que o progresso da nossa agricultura, que tanto carece da acção persistente da iniciativa particular e, não menos, do estimulo e do auxilio protector do estado, e o progresso das nossas industrias, que reclamam estudos especiaes e cuidados solicitos por parte dos que as exploram, e apoio efficaz dos poderes publicos, hão de determinar, em praso não muito longo, a prosperidade economica da nação, no grau a que ella deve legitimamente aspirar e a que tem incontestavel direito pela fertilidade do seu solo, pela intelligencia e ingenita actividade do nosso

UMA JANELLA EM VILLA REAL DE TRAZ-OS-MONTES

povo, e ainda pela sua posição e por outras condições geographicas, que tanto a favorecem.

O aproveitamento cauteloso, sensato e opportuno, d'estes poderosos factores de riqueza impõe-se imprescindivelmente para que possamos, como é nosso dever, reconquistar a situação proeminente, que, em seculos anteriores, tivemos no mundo civilisado.»

Assim o desejamos sinceramente, para honra do paiz e do nobre ministro, o sr. conselheiro Elvino de Brito.

Boletim *da Real Associação dos Architectos e archeologos portuguezes — N.º 1 e 2 — 3.ª serie 1898.*

Continua apresentando-se muito interessante este apreciado boletim. Estes dois ultimos numeros conteem, além de varias actas da associação, os seguintes artigos:

Monumento a D. Maria I: Discurso proferido na Camara dos Dignos Pares, pelo sr. Francisco Simões Margiochi. — Pelourinho dos Arcos-de-Valdevez, pelo sr. Felix Alves Pereira. — Mafra, Convento, Mosteiro, pelo sr. J. Gomes. — Noticias archeologicas, pelo sr. E. Rocha Dias. — Relatorio sobre a Bibliotheca da Associação, pelo sr. Visconde da Torre da Murta. — Um monumento by-santino-latino em Portugal, pelo sr. Ernesto Korrodi. — Elogio historico do architecto e engenheiro-mór do Reino, Manoel da Maia, lido na sessão solemne da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, em 25 de março de 1867, pelo socio artista Joaquim da Costa Cascaes. — Extracto dos officios enviados á commissão, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, encarregou de redigir a representação ao Governo ácerca dos monumentos nacionaes.

La presse Internationale — *Revue bi-mensuelle illustrée — Paris — 1898.*

Esta moderna revista franceza é, como se sabe, dirigida por Maxime Serpeille, redactor em chefe, e Maurice Feiullet, director artistico, ao primeiro dos quaes tivemos o prazer de conhecer pessoalmente por occasião do congresso da imprensa, para cuja realização tambem contribuiu notavelmente, como boletim que é das principaes associações jornalisticas do extrangeiro. Os ultimos numeros que temos presentes alcançam apenas o n.º 11 (5 de Aout 1898).

Iride — *Rivista d'arte — Direttore Auv. G. Conrado — Anno II — 1898 — Genova.*

É em Spezia que se publica esta pequena revista de formato elegante e de collaboração selecta. Insere artigos de critica musical e distingue-se pela sua imparcialidade, para o que muito contribue o logar em que se publica, onde as questões theatraes e artisticas são mais desapaixonadas que n'outras cidades da Italia.

Revue Mascaró *pour aveugles et voyants — 20 — R. Alecrim. — Lisbonne.*

O numero que temos presente d'esta publicação, contem, em caracteres legiveis para cegos e videntes, um excerpto em francez do livro *Dai-Nippou*, publicado pelo sr. Wenceslau de Moraes, por occasião do centenario da India, e traduzido pelo sr. dr. A. V. H. Mascaró. O excerpto intitula-se *Une industrie des aveugles au Japon* é muito curioso.

Como se sabe, este systema de caracteres para cegos e videntes é original do sr. Mascaró. N'este mesmo numero vem a equivalencia do engenhoso alphabeto com o de Braille.

O Seculo — *Supplemento illustrado — Lisboa — 1898.*

Inquestionavelmente é este o periodico humoristico lisbonense mais digno de apreço, pela relativa compostura da sua graça e pela vivacidade das suas illustrações.

Redigir uma publicação n'este genero sem descahir na linguagem e nos excessos condemnaveis, usados por outras folhas de genero similhante, é tarefa de que tem sabido desonerar-se com geral agrado os srs. Accacio de Paiva e Jorge Collaço, director litterario e artistico d'este *Supplemento*. Se as allusões pessoaes, ás vezes tão directamente formuladas, fossem excluidas do gracioso periodico, bem o poderiamos considerar como um modelo no seu genero.

Para as creanças — *publicação mensal 4 e 5 series por D. Anna Osorio de Castro. — Setubal 1898.*

Esta elegante publicação infantil progride bastante, graças á illustrada competencia da sua auctora e ao lisonjeiro acolhimento que tem despertado.

Nas proximas series iniciar-se-ha alguns melhoramentos, sendo um bem digno de imitar-se em todas as publicações periodicas, qual o do augmento do typo da lettra, que em certos jornaes difficulta a leitura e estraga a vista. Comprehendendo tudo isto a sr.ª D. Anna Osorio de Castro promette não só uma util alteração, bem como intervallar com os contos tradicionaes em prosa alguns contos, tambem tradicionaes, em verso ligeiro, e pequenas fabulas educativas, egualmente em verso, realisando d'est'arte um beneficio importante: pois os meninos educarão assim melhor o gosto e o ouvido e desenvolverão a memoria, sabido como é que a gymnastica necessaria para esta é decorár, e nada melhor para se reter e fixar do que o verso rimado, pela sua especial construcção e melopêa.

E' pois digna de justos elogios a iniciativa da distincta escriptora.

Jornaes madeirenses — *por Jordão A. de Freitas — Funchal — 1898.*

N'uma folha avulsa transcreveu o sr. Jordão de Freitas os artigos que, com o titulo acima, publicou no *Diario de Noticias*, do Funchal, n.os 6:385 e 6:386, correspondentes a 2 e 3 de julho de 1898.

E' uma extensa relação, em que aquelle investigador, servindo-se dos seus estudos especiaes, feitos para a publicação de uma obra intitulada *O Jornalismo Madeirense (1821-1898)*, menciona as omissões que encontrou no bello trabalho do nosso amigo Silva Pereira. *Os jornaes portuguezes* e que respeitam aos jornaes *O Academico*, numero especial, publicado em 1885; *Atalaya da Liberdade*, em 1823; *Caballero di Gracia*, numero unico, em 1888; *Chronica Official*, 1840; *The Comet*, 1882; *Correio da Manhã*, numero especial, 1885; *Diario de Noticias*, numero especial, 1885; *O Direito*, 1859; *O Imparcial*, 1889; *O Liberal*, 1885; *A Liberdade*, 1879; *Montagut*, numero especial, 1858; *Reflexos*, 1878; *The Stranger*, numero unico, 1840; abstrahindo outros periodicos que, por publicados depois de 19 d'outubro de 1889, data a que alcançou o trabalho de Silva Pereira, não podia de modo algum constituir lacuna a sua omissão.

A estas indicações accrescenta o sr. Jordão de Freitas outros reparos, taes como que os periodicos *O Districto do Funchal*, (1886), *O Orphão*, (1875) e o *Progresso*, (1851) que Silva Pereira dá como publicados, não chegaram a apparecer.

Taes são as omissões e lapsos notados pelo dedicado investigador madeirense ao trabalho do nosso amigo, ao qual não deixa de reconhecer as difficuldades com que luctou para uma obra d'este genero.

Enunciando as lacunas apontadas, entendemos facilitar o preenchimento d'ellas áquelles dos nossos leitores que possuem a interessante obra de Silva Pereira, e prestar a devida homenagem ao sr. Freitas, que tendo maior facilidade n'estas investigações, pela sua residencia na Madeira, prestou uma louvavel contribuição para a historia do jornalismo portuguez. Oxalá n'outras nossas terras d'além-mar surgissem eguaes iniciativas, com que todos lucrariamos.

Jornal dos Cegos. — *Abril e maio de 1898 — N.os 30 e 31 — Lisboa.*

Esta revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos publicou por occasião do quarto centenario do descobrimento da India não só este numero commemorativo para os videntes, mas um outro e a Marcha Triumphal, de Oscar da Silva, em caracteres em relevo, magnifico trabalho sahido da Imprensa Nacional.

Foi decerto esta uma das mais curiosas publicações commemorativas do centenario.

Le Monde Moderne — *Rue Saint-Benoit, n.º 6 Paris — Octobre 1898.*

A sempre tão interessante publicação parisiense apresenta-nos n'este seu ultimo numero um summario deveras atrahente, contendo entre outros artigos os seguintes todos illustrados:

Le Château d'Agor, par Gaston Bergeret. — L'Ile de Capri, par Bernard de la Mothe. — La Bibliothèque de l'Arsenal, par Paul Bonnefon. Le Couvent des Célestins. — Peinture sur toiles en imitation de tapisserie, par M. C. — La Vie militaire en Autriche, par P. de Pardiellan. — Elle! poésie de Stéphen Liégeard. A travers la Nouvelle-Autriche, par Edmond Neukomm. — L'Astrologue pisan, par A. Baure. — Le Tourisme, par L. Baudry de Saunier. — Les Sceaux, par A. Lecoy de la Marche. — Le Mouvement littéraire, par Léo Claretie. — Causerie scientifique, par G. Mareschal. — Événements géographiques et coloniaux, par Gaston Rouvier. La Musique, par Guillaume Danvers. — *Credo d'Amour*, de Emmanuel Chabrier. — Un essai de résurrection du Théâtre Grec, par A. Demeure de Beaumont. — Memento encyclopédique, etc.